



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

Censo 2010: antigas questões e novos desafios interpretativos à Sociologia da Religião

I

2010 Census: old issues and new interpretive challenges in Sociology of Religion

Péricles Andrade^{II}

Jonatas Menezes^{III}

Este artigo tem por objetivo analisar os dados do Censo 2010 sobre o campo religioso brasileiro, sobretudo o universo cristão (católicos e protestantes), comparando crescimento e decréscimo dos diversos grupos ao longo dos últimos 30 anos, sem perder, contudo, a perspectiva de crescimento dos espíritas e o decréscimo e/ou estagnação das religiosidades afro-brasileiras, além do crescimento do grupo que se declara sem religião. Sem nenhuma pretensão de apresentar uma interpretação definitiva das novas estatísticas, a abordagem aqui exposta centra-se na identificação das permanências e rupturas dos sentidos desse campo e nos limites impostos aos pesquisadores. Os dados do Censo 2010 apontam três tendências: 1) a proporção de católicos segue a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores; 2) o segmento evangélico é o que mais cresceu no Brasil no período intercensitário; e 3) o aumento do número de adeptos do espiritismo e dos sem religião. Quando se fala em aumento da diversidade religiosa no Brasil, é preciso não desconsiderar que o segmento cristão possui ampla maioria e que o crescimento evangélico não se verifica em todo o segmento de forma homogênea. O aumento dos sem religião não significa, necessariamente, o aumento da descrença religiosa.

Palavras-chave: Censo 2010. Campo religioso. Filiação religiosa.

This article aims to analyze the data from the IBGE/2010 survey on the Brazilian religious field, particularly the Christian universe (Catholics and Protestants), comparing the increase and decrease of the various groups over the past 30 years, including the increase prospects of spiritualists and the decrease and/or stagnation of African Brazilian religions, as well as the increase of the group that declares having no religion. We don't intend to deliver any definitive interpretation of the new



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

statistics. Our approach focuses on identifying the continuities and ruptures of the meanings in that field and on the limits imposed to researchers. Data from the 2010 Census indicate three trends: 1) the proportion of Catholics follow the downward trend observed in the previous two decades; 2) during the period between the surveys, the evangelical segment has grown fastest in Brazil; 3) there has been an increase in spiritualism and of those who declare not following any reli. To discuss the increasing religious diversity in Brazil, we must take into account that the Christian segment is still the largest one and that the increase of evangelical churches does not occur in a homogeneous way in that segment. In addition to that, the increase of the group without religious affiliation does not necessarily stands for an increase in religious disbelief.

Keywords: 2010 Census. Religious field. Religious affiliation.

Entre o passado e o presente

No final do mês de junho de 2012 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou os dados do Censo 2010 relativos à *população residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião no Brasil*. Após um longo período de espera, finalmente os cientistas sociais brasileiros poderão substituir os dados relativos ao Censo 2000 em suas pesquisas, analisados à exaustão por mais de uma década^{iv}.

Nos últimos vinte anos, um grupo significativo de pesquisadores brasileiros publicou os resultados das análises sobre os dados censitários. Não faltaram estudos que questionaram ou corroboraram as taxonomias, o método adotado, as amostras, entre outros aspectos. Uma breve observação em parte das pesquisas em *sociologia da religião* nas últimas décadas aponta que, no Brasil, está cada vez mais evidente a constituição de um campo cristão plural. Este tem levado os pesquisadores às investigações que focalizam as tensões e disputas por fiéis entre as religiões, a incorporação da cultura de mercado e a presença das denominações no espaço público, sobretudo através de massivos investimentos na mídia, na construção de megatemplos e no campo político^v.



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

Este artigo tem por objetivo breve análise dos dados do Censo 2010 sobre o campo religioso brasileiro, sobretudo o universo cristão (católicos e protestantes), comparando o crescimento e decréscimo dos diversos grupos ao longo dos últimos 30 anos, sem perder, contudo, a perspectiva de crescimento do número de espíritas e o decréscimo e/ou estagnação das religiosidades afro-brasileiras, e, também, o crescimento do grupo que se declara sem religião. Sem nenhuma pretensão de apresentar uma interpretação definitiva das novas estatísticas, a abordagem aqui exposta centra-se na identificação das permanências e rupturas dos sentidos desse campo e nos limites impostos aos pesquisadores.

A seara sociológica no Brasil tem se constituído como uma sociologia do declínio católico e do avanço evangélico e espírita em termos quantitativos. Essa nova condição se diferencia daquela que configurava os séculos anteriores, quando o catolicismo brasileiro constituiu-se como religião oficial. Ser católico no contexto português e brasileiro era condição indispensável para ser súdito e até para poder receber sesmaria. Os símbolos do catolicismo acompanhavam a ocupação do território e manifestavam a gratidão dos marinheiros e colonos aos santos que os protegeram durante a travessia do “mar oceano”. A partir do século XIX essa hegemonia começa, aos poucos, a ser ameaçada, pois se assiste ao avanço do pensamento científico, à instituição e propagação de novos cultos religiosos, como o protestantismo e o espiritismo. Diante desses desafios, a Igreja reage com uma reforma que procura revitalizar antigos valores da mentalidade medieval. Apregoa a necessidade de subordinação do homem à ordem sobrenatural, humildade e obediência diante das diretrizes emanadas da hierarquia. De certa forma, apesar dos constantes conflitos entre o clero e os praticantes do catolicismo popular (os primeiros defensores de um catolicismo mais sacramental e os segundos de uma religiosidade mais autônoma da esfera eclesiástica), o catolicismo conseguiu assegurar, até as últimas décadas do século XX, uma posição, até certo ponto, confortável. Era a religião da maioria dos brasileiros.

Porém, no limiar do século XXI, a hegemonia do catolicismo sobre os fiéis brasileiros se vê ameaçada. Aos poucos se configura uma nova situação: o período relativamente estável está sendo substituído por um momento de turbulência, pluralismo cristão e realinhamento. Uma breve comparação entre os dados apresentados pelo IBGE comprova tal afirmativa. Os primeiros dados oficiais referentes à



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

população brasileira remontam ao período do Império, ou seja, 1872. Naquele momento, a população católica era de aproximadamente 100% (99,77%). A visibilidade protestante – pelo menos em termos numéricos – era tão ínfima que não foi registrada. Em 1890 apontava-se uma pequena diminuição do rebanho católico (98,93%), a presença evangélica em terras brasileiras era de 1%. A visibilidade protestante – pelo menos em termos numéricos – era tão ínfima que não foi registrada. Obviamente não há como desconsiderar o fato do catolicismo ser a religião oficial do Império Brasileiro, conforme estabelecia a Constituição de 1824. Toda a documentação dos brasileiros, tal como certidão de batismo, casamento e óbito, passava pela Igreja Católica. Boa parte dos cemitérios, por sinal, era controlada por essa instituição. A carta constitucional, inclusive, estabelecia restrições quanto aos lugares de culto, à construção de templos e ao proselitismo. O Código criminal de 1830, por exemplo, continha restrições às religiões não católicas e à defesa da ortodoxia da religião do Estado: crime de divulgar doutrinas contrárias as “verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma”. Para os condenados havia pena de um ano de prisão mais multa pecuniária^{VI}

A partir da Constituição de 1891 não haveria mais uma religião oficial no Brasil. Ficou estabelecida a inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença, impedindo que as pessoas fossem privadas de seus direitos por motivo de crença religiosa, salvo se invocadas para se eximirem de obrigação legal a todos imposta. Estabeleceu-se uma separação entre Igreja Católica e o Estado, com medidas adotadas que alteravam substancialmente a vida dos cidadãos brasileiros: as eleições não ocorreriam mais dentro das igrejas, o governo não interferiria mais na escolha de cargos do alto clero, extinguiu-se a definição de paróquia como unidade administrativa, o monopólio de registros civis passou ao Estado, foram criados de cemitérios públicos^{VII}.

Até os anos 1950, quem admitia não ser católico, de certa forma, mesmo que não fosse excluído da sociedade, era, no mínimo, alvo de discriminação religiosa. Há algumas décadas pertenciam à essa religião 9 entre 10 brasileiros. Isso não significa, obviamente, que não havia adeptos de outras religiões no Brasil quando foram realizadas as primeiras contagens populacionais. Nossa diversidade religiosa era, de certo modo, “camuflada” pela oficialidade do legal (até 1891) ou tradicional do catolicismo, pelo



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

Evangélicos ^X	-	-	-	-	-	-	-	9,10
--------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------

Fonte: Quadro elaborado pelo autores

A postura da hierarquia católica diante do avanço das denominações tem sido diversificada. Num primeiro momento, seus discursos caracterizavam-nos como “seitas”. Entre as causas explicativas, apontava-se o interesse de governos estrangeiros (sobretudo norte-americano); o sistema social que vigorava no país; o pluralismo cultural dos tempos modernos; o impacto da modernidade e a acelerada urbanização; o proselitismo das seitas. As posições eram caracterizadas por certa indiferença. Afirmava-se que não era a quantidade que interessava. Aqueles que abandonavam o catolicismo de alguma forma já estavam fora dele, sendo católico “social” ou de “batismo”^{XI}. Noutros momentos, dizia-se que a “qualidade” era superior à quantidade dos fiéis. Alguns párocos ligados à Teologia da Libertação afirmavam que não se importavam com o aumento dos evangélicos, pois, num momento de desencantamento do mundo, eles contribuía para a difusão dos valores cristãos.

Mas diante dos novos números a hierarquia vem mudando seu discurso. Em alguns contextos assume até uma posição clara de combate. Diante da fuga de fiéis no Brasil, a hierarquia católica temendo perder sua hegemonia no campo religioso mudou suas posições. Além de explicações simplistas e preconceituosas sobre o crescimento das “seitas”, da procura de bodes expiatórios e teses conspiratórias, era preciso urgentemente ceder lugar à ação^{XII}. Desta forma, a partir da década de 1980 quando o fenômeno não estava configurado com as dimensões atuais (especificamente em 1982), o *Setor de Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso* da CNBB fez estudos e elaborou subsídios teológico-pastorais sobre a temática, juntamente com membros do *Conselho Nacional de Igrejas Cristãs* (CONIC), do *Centro Ecumênico de Documentação e Informação* (CEDI) e do *Instituto de Estudos da Religião* (ISER). Desses primeiros esforços emergiu, na década de 1990, uma comissão especial dentro da *Linha 5* na CNBB, que acompanhou e elaborou seminários nacionais buscando apresentar subsídios à ação pastoral. Destes, três se destacaram, resultando numa série de artigos publicados na coleção *Estudos da CNBB*, intitulados *A igreja católica diante do pluralismo religioso no Brasil*. Esta série contou com a participação de religiosos e cientistas sociais. Em geral, a abordagem possui dois



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

momentos. Num primeiro, traça-se um panorama do campo religioso brasileiro. Em seguida, são apresentadas algumas propostas pastorais diante do pluralismo religioso.

Tendências religiosas no Brasil contemporâneo

No limiar do século XXI, a hegemonia do catolicismo sobre os fiéis brasileiros se vê ameaçada. Aos poucos se configura uma nova situação: o período relativamente estável de maioria católica está sendo substituído por um momento de turbulência, pluralidade e realinhamento^{XIII}. Apesar das discordâncias entre os pesquisadores, não há como negar três tendências estatísticas à dinâmica religiosa brasileira até o Censo 2000: 1) diminuição do segmento católico; 2) crescimento dos evangélicos, sobretudo nas vertentes pentecostal e neopentecostal; 3) crescimento dos sem religião. O citado censo corrobora tais tendências e acrescenta números que serão mercedores da análise cuidadosa dos estudiosos da religião, ou seja, o crescimento dos evangélicos que não declaram o pertencimento a uma denominação, a maioria dos que se declaram católicos pertencem ao sexo masculino e têm mais de 40 anos. Em relação aos católicos, o que esses números representam? Seria a Igreja Católica orientada para o universo masculino ou suas restrições ao aborto e ao ministério feminino seriam determinantes para a exclusão das mulheres? Ou, ainda, o proselitismo agressivo das igrejas pentecostais e neopentecostais tem alcançado maior número de mulheres católicas?

As primeiras interpretações apontam algumas tendências estatísticas já verificadas em outros censos. As pesquisas em Sociologia da Religião no Brasil para a próxima década ainda serão marcadas pelos esforços de compreensão da diminuição dos fiéis católicos e da pentecostalização, entendendo esse processo como abrangente dos grupos tratados como pentecostais tradicionais e os neopentecostais, e, também, de setores da Igreja Católica (Movimento de Renovação Carismática).

Os dados do Censo 2010 apontam que a proporção de católicos segue a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores. Num universo de 190.755.799 de brasileiros registrados pelo Censo 2010, foram 123.280.172 que se declararam católicos (64,29%), o que aponta redução dos 73,8% do censo 2000. Embora o perfil religioso da população brasileira se mantenha, a histórica maioria



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

católica vem perdendo adeptos desde o primeiro Censo, realizado em 1872, como apontado anteriormente. Não é demais acrescentar que essa redução ocorre no meio da população católica tratada como fiel nominal, isto é, dos que declaram vinculação em virtude da tradição – ter nascido no interior de família católica^{XIV}. Em segundo lugar, o segmento evangélico é o que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). A terceira constatação é o aumento de adeptos do espiritismo (de 1,3% em 2000 para 2,0% em 2010) e dos sem religião. Em 2000 havia 12,5 milhões (7,3%) do segmento “sem religião”. Em 2010 esses declarantes chegaram a 15 milhões (8%). (IBGE, 2010).

A pesquisa ainda revela algumas particularidades em relação às diversas variáveis. Podemos citar alguns exemplos. Quando se considera a situação de domicílio (urbano/rural), a maior concentração dos fiéis está na zona urbana (88,46% entre os evangélicos e 81,16% entre os católicos), seguindo a maioria da população brasileira (84,36%) que se concentra nesse espaço urbano. Conforme foi apontado em pesquisas realizadas a partir dos dados do Censo 2000, se institui um modelo de organização do espaço que caracteriza as regiões metropolitanas brasileiras, que é do tipo centro-periferia, o que poderia explicar o fato das porcentagens católicas na população total diminuírem em função da distância em relação ao centro. Verifica-se que nos setores menos favorecidos das grandes cidades, a influência da Igreja Católica tende a diminuir. Essa relação vale para as regiões metropolitanas, mas também é observada em todo o território brasileiro onde intervêm outros fatores, como características socioeconômicas e religiosas. As periferias dos grandes centros poderiam ser consideradas como as áreas de maior competição no campo cristão. Isso permite traçar o seguinte modelo de organização do espaço: forte presença do catolicismo no município central, redução na periferia próxima; aumento evangélico em direção à periferia mais distante. Em outras regiões metropolitanas, no entanto, não se observa este modelo binário: menores percentuais de católicos no centro e maiores na periferia, como é o caso de Fortaleza, Natal e Belo Horizonte^{XV}. Essas considerações foram pertinentes ao Censo 2000, resta saber se ainda persiste este modelo a partir dos novos dados. Quanto à variável gênero, a proporção de mulheres é maior entre os evangélicos (55,57%) comparada aos católicos (50,37%).



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

Tradicionalmente o universo feminino tem um nível de filiação maior do que o dos homens, mas isto não significa que as mulheres mantenham a religião herdada. Algumas pesquisas indicam que são as mulheres que mais transitam entre as religiões^{XVI}.

Podemos tecer outras considerações sobre os dados aqui apresentados. Primeiramente, quando se fala de aumento da diversidade religiosa no Brasil, é preciso não desconsiderar que o segmento cristão possui ampla maioria, com 86,9% de adeptos na população brasileira. Isso implica que as tensões e disputas mais evidentes no campo religioso aconteçam entre os católicos e evangélicos, sobretudo na mídia, na política, no mercado e na ocupação dos espaços urbanos. Em algumas situações na cena política, por exemplo, a bancada cristã tem marcado religiosamente os debates sobre as políticas públicas, como no caso da legalização do aborto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo.^{XVII}

Em segundo lugar, os cientistas sociais não podem esquecer que a filiação posta pelo censo se estabelece pela auto-identificação. Como destacaram Ronaldo Almeida e Paula Montero, quando analisaram a auto-identificação de “não-praticante” no Censo 2000, um número considerável de pessoas pode muito bem se identificar como católico “não-praticante”, ou simplesmente sem religião, dependendo do dia em que for entrevistada^{XVIII}. Isso pode ser constatado, inclusive, nas dificuldades quanto às taxonomias adotadas pelo IBGE. Se observarmos as primeiras estatísticas populacionais no Brasil, a classificação adotada, comparada com os últimos Censos, era bastante simplificada. A pesquisadora Clara Mafra, por exemplo, ligada ao Instituto de Estudos da Religião (ISER), foi contratada pelo IBGE em 2001 para fazer a classificação das religiões obtidas a partir de uma questão basilar posta no questionário aplicado no campo pelos recenseadores: “qual a sua religião ou culto?” Foram constatadas aproximadamente 35.000 declarações^{XIX}. Como elaborar classificações capazes de atender à diversidade cada vez mais evidente, principalmente?

Embora isto seja, em parte, resolvido com a pluralidade evangélica, com diversas denominações adotadas nos últimos censos, entre os católicos a “suposta unidade” dificulta algumas percepções mais sutis nesse campo religioso. Por exemplo, entre os católicos existem formas diferenciadas de pertencimento que variam de formais tradicionais (catolicismo popular), da teologia da libertação, dos



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

carismáticos e dos ditos nominais. Não resta dúvida que 64,4% da população brasileira se diz católica, mas nem todos vivenciam os sacramentos regularmente, mantêm laços de pertencimento comunitário e seguem as prescrições formais do Vaticano.

Apesar da diminuição do universo católico brasileiro – os últimos censos comprovam essa afirmativa –, não há que se falar em templos vazios ou templos transformados para os mais distintos usos, como ocorre na Europa desde a década de 1960 (museus, espaços comerciais e artísticos). Os templos católicos continuam cheios, a utilização da mídia nunca foi tão intensa e os novos espaços para cultos são construídos em todos os rincões brasileiros. É fácil constatar também que os evangélicos ampliaram seu rebanho e sua presença no espaço público, com destaque para a inserção nos meios de comunicação e nas suas bancadas políticas. Entretanto, esta tendência não se verifica em todo o segmento de forma homogênea. Podemos, inclusive, afirmar que o crescimento evangélico no Brasil é pentecostal e neopentecostal^{xx}. Vale destacar que neste segmento evidencia-se que 60% da população é constituída por pentecostais, 18,5% de missão e 21,8% não determinados. Algumas denominações, inclusive, estão aos poucos se pentecostalizando, adotando a expressão “renovada” como um diferenciador da sua matriz. Há, é possível constatar, esse movimento de renovação em todos os seguimentos do protestantismo histórico: batistas, presbiterianos, luteranos, metodistas e congregacionais. E há, ainda, aqueles que mesmo mantendo a denominação histórica, adotam nos seus cultos os paradigmas do pentecostalismo como estratégia de sobrevivência no interior do campo cada vez mais competitivo das religiões brasileiras^{xxi}. Não podemos esquecer que a própria Renovação Carismática Católica, que surge nos Estados Unidos da América com o nome Pentecostalismo Católico (RCC), segue o suposto movimento de renovação e tem sido um espaço de manutenção de certo número significativo de fiéis católicos. Alguns, inclusive, passam a se reconverter quando conhecem a RCC.

Pode-se questionar ou analisar outro dado, que é estatístico, mas que não contribui para uma análise qualitativa do campo religioso evangélico: quem são os evangélicos incluídos no grupo daqueles que não declaram pertencimento a um grupo denominacional, que pulou de pouco mais de 2 milhões em 2000 para mais de 9 milhões em 2010? Seriam fiéis omitindo seu pertencimento por estar vinculados a



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

grupos estigmatizados (Universal do Reino de Deus ou Mundial do Poder de Deus), à semelhança do que ocorria nas décadas passadas com os religiosos da Umbanda e do Candomblé? Ou seriam fiéis vinculados aos grupos dissidentes menores e que se espalham por todos os recantos do Brasil? É possível que a primeira opção seja descartada, tendo em vista o clima de liberdade religiosa reinante no Brasil. Dessa forma, muito provavelmente esses declarados sem denominação refletem o processo de fragmentação no interior do universo pentecostal e/ou neopentecostal, no qual lideranças insatisfeitas política ou doutrinariamente rompem com seu grupo de origem, formando uma nova denominação, quase sempre de uma igreja só, que não aparecerá nos dados do IBGE. Esses novos grupos surgem da noite para o dia e desaparecem com a mesma velocidade, seja com a formação de uma nova denominação ou migrando para denominações já instaladas. Qualquer que seja a opção, sempre restará aos estudiosos a dificuldade por esse grupo representar quase 25% do universo religioso evangélico do Brasil. Para que essas respostas possam ser contempladas, as análises precisam ser efetuadas com base nesses dados e nos respectivos questionários utilizados pelo IBGE, mas, principalmente, a partir de novas pesquisas de campo a ser implementadas.

No Brasil, a partir da década de 1990, constatam-se intensas disputas entre católicos e neopentecostais. Nas últimas duas décadas elas continuaram, mas também se intensificam entre os próprios neopentecostais, sobretudo entre as denominações que passaram por movimentos de cisma ou rompimento com algum líder espiritual. Até o Censo 2000 a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) alcançava os maiores índices de crescimento. Na década posterior, a Igreja Mundial do Poder de Deus, do apóstolo Valdemiro Santiago, ex-Bispo da IURD, tem atraído aos seus cultos parte significativa do rebanho iurdiano e de outros grupos do protestantismo histórico, dos pentecostais e dos neopentecostais. Não foi por acaso que a Rede Record de Televisão elegeu em 2011 a religião do citado apóstolo como um inimigo a ser combatido, com diversas reportagens sobre charlatanismo e enriquecimento ilícito do “apóstolo vaqueiro”, além do processo de demonização em prédicas ao longo das programações da IURD transmitidas pela Rede Record de Televisão e pela Rede Aleluia de Rádio. Isso implica outro fenômeno importante: o trânsito religioso. A pluralidade religiosa tem gerado um pertencimento difuso



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

no campo religioso brasileiro e, em particular, entre os evangélicos, cuja fragmentação institucional é estrutural ao seu próprio movimento de expansão.^{XXII}

Outro aspecto que precisa de melhores análises por parte da sociologia é a contribuição regular do dízimo entre os adeptos desses novos protestantismos (pentecostalismo e neopentecostalismo) que se apresenta como algo desafiador aos pastores, principalmente considerando que essas denominações atuam em camadas de baixa ou baixíssima renda. Porém, é bom ressaltar que esses grupos, acrescidos dos históricos renovados, têm alcançado, cada vez em maior número, fiéis vinculados às camadas médias da sociedade, ampliando, dessa forma, as tensões e disputas por fiéis entre as denominações com novas estratégias, tanto no interior dos seus templos como, principalmente, no uso das ferramentas midiáticas.

Nesse universo pentecostal, neopentecostal ou simplesmente de campo religioso pentecostalizado, destaca-se a consolidação do crescimento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Somos tentados a pensar que essa denominação ficou imune, e por isso continuou crescendo, aos exageros dos rituais de cura divina presentes e intensificados na Igreja Mundial do Poder de Deus e do uso da Teologia da Prosperidade ainda em evidência na IURD.

O aumento do número dos sem religião não significa necessariamente o aumento da descrença religiosa. Não resta dúvida que a parcela de ateus no Brasil está aumentando. Porém, parte dos sem religião acredita no sobrenatural ou não o nega por completo, como no caso dos agnósticos. Alguns indivíduos participam ou participavam de religiões institucionais sem poder de regulação, frequentadas por indivíduos/grupos que a partir delas “fazem parte da tradição”. Cada vez mais algumas religiões perdem sua capacidade de regular a vida de seus adeptos, que optam por escolhas individuais de consumo de bens simbólicos, fazendo *bricolage* de diversas religiões, sem pertencimento a qualquer religião institucionalizada. Não é difícil encontrar altares familiares com imagens de santos católicos, buda, duendes, orixás, figas, entre outros bens simbólicos.

Considerações finais



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

Há que se questionar, do ponto de vista sociológico, por que algumas denominações estão ampliando sua participação no espaço público e outras estão se retraindo? Aqui, vale uma das máximas de Pierre Bourdieu (1998): toda teodiceia é sociodiceia. Nenhuma sociedade aceita um sistema religioso estruturalmente divergente dela. Nesse sentido, no cenário atual, as religiões que fazem sucesso são aquelas que se adaptam às necessidades e aos desejos de um público-alvo. A diminuição católica e o aumento dos evangélicos, principalmente os pentecostais, estaria relacionada, dentro outros fatores, à capacidade de adaptação dos segundos em relação aos seus fiéis. Num espaço cada vez mais concorrido, o desafio das igrejas é adequar sua oferta às demandas do novo mercado de bens religiosos. Tratando-se de instituições religiosas relativamente novas, as denominações neopentecostais são flexíveis para mudar seus “produtos” e adequá-las, da melhor maneira possível, à demanda por este ou aquele “produto religioso”. Dito de outro modo, privilegiam as necessidades concretas das pessoas, organizam a “oferta” de acordo com a “demanda”. Em um momento marcado por inúmeros problemas sociais, são oferecidas respostas e alívio para as angústias de milhões de indivíduos^{XXIII}.

Cada vez mais, os indivíduos se afastam dessas instituições que, até há pouco tempo, gerenciavam hegemonicamente a distribuição dos bens de salvação. Possivelmente, as grandes organizações religiosas continuarão buscando um meio-termo entre a tradição e a modernidade. Cognitivamente, essa posição envolve um processo de regateio com o pensamento moderno, a rendição diante de alguns itens tradicionais, enquanto outros são mantidos. Esse diálogo com a modernidade pode ser vislumbrado atualmente com a emergência de “novas sensibilidades religiosas” e novos atores, decorrentes de uma sociedade marcada por fronteiras flexíveis, apontando, inclusive, a necessidade de revisão dos conceitos e teorias. Como destaca Fortunato Mallimaci (1999), os seres humanos não creem como há cem ou mil anos. Eles creem de maneira diferente. Ao se defrontar com a modernidade, a religião vem se reorganizando permanentemente em uma sociedade estruturalmente impotente para responder às esperanças dos seus membros^{XXIV}.



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

Em sua visita ao Brasil, em maio de 2007, o papa Bento XVI declarou que não estava preocupado com a evasão de fiéis. A prioridade era a qualidade de adeptos e não a quantidade. Será que o Vaticano não está se importando com a pentecostalização do país mais católico do mundo? Acreditamos que não.

Notas:

^I Uma versão preliminar deste texto foi publicado no blog Que Cazzo é esse: blog de teoria e metodologia em ciências sociais, com o título “Censo 2010: antigas questões e novos desafios interpretativos à Sociologia da Religião” (<http://quecazzo.blogspot.com.br/2012/07/censo-2010-antigas-questoes-e-novos.html>). Agradecemos as correções e sugestões da Prof^a. Dr^a. Tâmara de Oliveira (UFS) e do Prof. Dr. Jonatas Ferreira (UFPE).

^{II} Doutor em Sociologia pela UFPE. Professor Adjunto III do DCS/PPGS/NGCR-UFS.

^{III} Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor Associado II do DCS/PPGA/NGCR-UFS.

^{IV} Não se pretende aqui realizar um estudo estatístico relativo à filiação religiosa. Nossa proposta neste artigo é mais ensaísta. Acreditamos que a recente publicação dos dados do Censo 2010 e a análise das co-relações macro-sociais exigirão mais tempo para o aprofundamento das análises.

^V Ver: SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. (Org.). Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Org.). As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

^{VI} CUNHA, Luiz Antônio. Confessionalismo versus laicidade na educação brasileira: ontem e hoje. **Visioni Latino-Americane**, Trieste (Itália), v. III, n. 4, p. 04-17, Gennaio 2011.

^{VII} CUNHA, Luiz Antônio. Confessionalismo versus laicidade na educação brasileira: ontem e hoje. **Visioni Latino-Americane**, Trieste (Itália), v. III, n. 4, p. 04-17, Gennaio 2011.

^{VIII} Ver: CNBB. 1991, 1993, 1994.

^{IX} Quadro elaborado pelos autores a partir de IBGE, 1953; 1970; 1983; 1991.

^X Esta categoria segundo o IBGE engloba os protestantes históricos e os pentecostais.

^{XI} ORO, A. P. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

^{XII} MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

^{XIII} BERGER, P.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

^{XIV} Nesta tipologia, Ronaldo Almeida e Paula Montero apresentam uma excelente descrição: “A esse tipo de católico que mantém simultaneamente religiosidades diferentes – cada uma localizada num plano da vida do fiel – acrescentam-se ainda os chamados ‘não-praticantes’, categoria sociologicamente pouco precisa, mas com uma auto-identificação significativa que compõe uma parcela importante do segmento. São os católicos dos batismos, casamentos e enterros, para os quais os sacramentos atuam como ritos de passagem tradicionais na sociedade brasileira. Trata-se daqueles indivíduos que acreditam na Igreja, batizarão seus filhos nela, aceitam-na como identidade religiosa, mas não a praticam, como ir periodicamente aos templos ou manter alguma devoção a um santo, por exemplo” (ALMEIDA; MONTERO, 2001, p. 95)

^{XV} JACOB, Cesar Romero; HEES, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da PUC/Loyola, 2003.

^{XVI} ALMEIDA, RONALDO DE; MONTERO, PAULA. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, jul. 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf>>. Acesso em 21 dez. 2012.

^{XVII} Apesar da ampla maioria cristã, não acreditamos que haja uma homogeneização do campo cristão brasileiro, mas cresce a pluralidade e a diversificação religiosa quanto à filiação.

^{XVIII} ALMEIDA, RONALDO DE; MONTERO, PAULA. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, jul. 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf>>. Acesso em 21 dez. 2012.

^{XIX} MAFRA, Clara. Censo da Religião: um instrumento dispensável ou reciclável?. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 152-159, 2004.



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

^{XX} Em relação aos pentecostais neste artigo foi adotada a classificação proposta por Ricardo Mariano (1999). De acordo com este sociólogo os pentecostais estariam divididos em *pentecostais tradicionais* e *neopentecostais*. Entre os segundos há um rompimento com a idéia da busca da salvação pelo ascetismo de rejeição do mundo, que a existência terrena do verdadeiro cristão seria dominada pela pobreza material e pelo sofrimento da carne. Ao contrário pregam a Teologia da Prosperidade, que defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo. O que interessa é o “aqui e agora”. Ao invés de rejeitar, eles passam a afirmar o mundo. Os *neopentecostais* se acomodam à “mundanização”, pois são menos sectários na relação com o “mundo” do que as igrejas que os precederam. Seus pastores se constituem em empreendedores com baixa ou nula formação teológica. Seguindo a tradição leiga do *pentecostalismo*, os pastores da IURD não possuem formação em seminários ou faculdades de teologia. A igreja manteve por vários anos a Faculdade Teológica Universal do Reino de Deus (Faturd), no Rio de Janeiro, por três anos, oferecendo cursos básico (três anos) e de bacharelado (quatro anos). Entretanto, ela desistiu de prover formação teológica aos pastores quando percebeu que isso, além de gastar inutilmente seu tempo, tenderia a diminuir seu fervor e distanciá-los das demandas imediatas dos fiéis. Em seu lugar, criou o Instituto Bíblico Universal, que oferece curso de frequência não obrigatória e duração de seis meses, cujas lições, de fácil e rápido aprendizado, destinam-se inteiramente à aplicação prática do trabalho pastoral. Entretanto, seus pastores demonstram grande capacidade de atrair público e gerar dividendos para a Igreja: “*Criativos, persuasivos e determinados, os pastores, a cada culto, tudo fazem para ampliar o valor ofertado pelos adeptos. Pressionam e constroem os fiéis e inculcam neles sentimentos de culpa e de temor às forças e maldições satânicas. A estratégia mais eficaz, porém, consiste em granjear sua submissão voluntária. O que implica apelar para seu interesse imediato: ‘colher milagres’. Contudo, para receber, admoestam, antes é preciso dar. Em suma: é dando que se recebe*” (MARIANO in: ORO et al, 2003: 253-254).

^{XXI} MENESES, J. **Pentecostalismo e os rituais de cura divina**: personagens e percursos. São Cristóvão, SE: Ed. UFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

^{XXII} Ronaldo Almeida e Paula Montero ao analisarem os dados relativos ao Censo 2000 partiram da hipótese que as pessoas não mudam de religião de maneira aleatória: “A movimentação ocorre em direções precisas, dependendo das instituições envolvidas. Algumas são preferencialmente “doadoras”, enquanto outras são mais “receptoras”; algumas trocam adeptos entre si, enquanto em outras são as crenças que circulam mais. Nossa proposta é formular um fluxograma exploratório do trânsito religioso ocorrido no Brasil nestas últimas décadas (ALMEIDA; MONTERO, 2001, p. 93).

^{XXIII} CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado**: organização e *marketing* de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis, RJ/São Paulo: Vozes/Simpósio/Umesp, 1999.

^{XXIV} MALLIMACI, F. De la homogeneidad a la diversidad: las actuales transformaciones del campo religioso en la sociedade argentina. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 127-144, jan./jun. 1999.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, RONALDO DE; MONTERO, PAULA. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf>>. Acesso em 21 dez. 2012.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado**: organização e *marketing* de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis, RJ/São Paulo: Vozes/Simpósio/Umesp, 1999.



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A igreja católica diante do pluralismo religioso no Brasil.** São Paulo: Paulinas, 1991. (Coleção Estudos da CNBB; v. 62).

CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL **A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil.** São Paulo: Paulus, 1993. (Coleção estudos da CNBB, v. 69).

CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil.** São Paulo: Paulus, 1994. (Coleção estudos da CNBB, v. 71).

CUNHA, Luiz Antônio. Confessionalismo versus laicidade na educação brasileira: ontem e hoje. **Visióni Latino-Americane**, Trieste (Itália), v. III, n. 4, p. 04-17, Gennaio 2011.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico: VI** Recenseamento Geral do Brasil (1º de julho de 1950). Rio de Janeiro: IBGE, 1953.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico: VIII** Recenseamento Geral do Brasil – 1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico: IX** Recenseamento Geral do Brasil – 1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico:** Características Gerais da População e Instrução (resultados da amostra). Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEORGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico –** Características Gerais da População e Instrução - 2000 (resultados da amostra). Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 2002.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEORGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico –** Características Gerais da População e Instrução 2010 (resultados da amostra). Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 2010.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEORGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010.** Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/censo2000_populacao.pdf>. Acesso em 19 de julho de 2012.

JACOB, Cesar Romero; HEES, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora da PUC/Loyola, 2003.



Recebido: 26/01/2013
Aprovado: 29/02/2013
Publicado: 10/03/2013

JACOB, Cesar Romero; HESS, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. Território, cidade e religião no Brasil. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2004, p. 126-151.

JACOB, Cesar Romero; HESS, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. **Religião e sociedade em capitais brasileiras**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006.

MALLIMACI, F. De la homogeneidad a la diversidad: las actuales transformaciones del campo religioso en la sociedade argentina. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 127-144, jan./jun. 1999.

MAFRA, Clara. Censo da Religião: um instrumento dispensável ou reciclável?. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 152-159, 2004.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. A Igreja Universal no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Org.). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 237-258.

MENESES, J. **Pentecostalismos e os rituais de cura divina: personagens e percursos**. São Cristóvão, SE: Ed. UFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

ORO, A. P. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PIERUCCI, A.F. Cadê nossa diversidade religiosa? Comentários ao texto de Marcelo Camurça. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 49-51.

SOUZA, B. M.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.